

Sôbre o índice condiliano, como determinante sexual do crânio

POR

J. BETHENCOURT FERREIRA

Naturalista e Assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa

A determinação do sexo sôbre peças do esqueleto implica uma dificuldade, que nem sempre é possível vencer. Essa definição é muitas vezes necessária, não só no domínio das investigações científicas, mas em certos casos de medicina legal, em escavações arqueológicas, nas quais, às vezes, se procura a distinção de sexos, à vista de porções esqueléticas. Não raro incide a discriminação sôbre o crânio, inteiro ou fragmentado. Sem dúvida a caveira é a parte mais característica, por assim dizer, mais expressiva do esqueleto e por isso há a mais natural e decisiva tendência para encontrar nela os sinais mais eloquentes de distinções de diferentes ordens. Entre aquelas que convém efectuar na cabeça óssea, a dos sexos vem com frequência a propósito. Esta apreciação baseia-se por um lado em observações de forma e de aspecto, que não podem deixar de ser eivadas de personalismo. Tais são o feitio da cabeça; as suas dimensões relativamente ao adulto; o maior ou menor desinvolvimento das arcadas supraciliares; a abóbada craniana mais ou menos elevada; a glabella mais ou menos pronunciada, assim como o apagamento do *inimio* e das *linhas occipitais* e a diminuição de volume dos côndilos e

das mastoideas, no sexo feminino. Por outro lado, existem caracteres métricos, que podem fornecer a expressão numérica de diferenças sexuais, que a simples vista não abrange. São, por exemplo,—o pêso e o volume.—Sabe-se que nas mulheres o pêso do crânio é menor que no homem. Das observações do dr. Ferraz de Macedo e de outros antropólogos, como das nossas, postoque em curtas séries, infere-se que o pêso do crânio feminino é, em geral, menor que o do homem (589,9 ♀ 648,9 ♂). A capacidade nêste é também sensivelmente maior (1300 cc ♀; 1500 ♂), apreciadas as médias, tanto nas raças superiores, como nas inferiores (1).

Não se pode porém afirmar que êstes limites sejam deveras bem delineados e de modo a impedir toda a confusão. O que temos a fazer é conjugar os diversos elementos que a ciência actual nos oferece para esta determinação, de ordinário pouco segura. Por isso a apresentação de um carácter tal como o índice condiliano, estabelecido por Marcel Baudouin, como distintivo certo, não deixaria de despertar a nossa atenção e de incitar o desejo de obter a sua confirmação pelas observações em séries portuguesas. Foi o que fizemos, com o auxílio diligente e esperto de dois dos nossos alunos, hoje licenciados em Ciências Naturais, a sr.^a D. Amélia Bacelar e o sr. Fernando Viegas da Costa, que, com o maior cuidado, executaram as séries sôbre as quais se fundamentam as conclusões que julgamos poder rubricar a tal respeito.

Porque semelhante estudo tem novidade e, pelo menôs, a oferece entre nós, por ter sido realizado em crânios portugueses,

(1) Há numerosas medidas e índices pelos quais se podem avaliar certas diferenças sexuais; os diâmetros cranianos, os índices faciais e orbitários (Pittard e Reverdin) e muitos outros, podem ser utilizados para êste fim.

publicâmo-lo em seguida, como trabalho do Laboratório de Antropologia da Faculdade de Ciências de Lisboa (2).

Por êle se reconhece que o índice condiliano não possui o absolutismo que o seu autor preconiza e que, conquanto as médias calculadas aqui se não afastem consideravelmente das de M. Baudouin, os limites do índice teem mais ampla latitude. Somos levados a afirmar que a aplicação dêste critério deve ser feita com particular cautela, pois circunstâncias diversas influem no índice condiliano, sobretudo as de ordem patológica, obrigando-o a perder o seu valor diferenciativo.

Conforme a verificação feita pelos autores dêste ensaio, um só cõndilo não é suficiente para assentar definitivamente a diferença do sexo, dado o afastamento que às vezes se encontra nas medidas dos cõndilos do mesmo crânio.

Concluimos pois, de um modo geral, que o índice condiliano proposto pelo dr. Baudouin importa realmente para a diagnose sexual, mas que êste índice não deve ser tomado isoladamente ou exclusivamente, como sinal certo, mas associado a outros caracteres numéricos e descritivos.

Lisboa, Dezembro de 1920.

(2) Tendo-me o sr. Viegas da Costa manifestado a boa vontade de abordar êste assunto, em estudo mais detido e sendo aliás dos programas da Faculdade apresentarem os alunos, antes do exame final, um certo numero de trabalhos especiais, relativos às matérias versadas nos cursos respectivos, o que constitui um bom incentivo para indagações originais, para logo decidimos aproveitar o ensejo de apreciar a questão, iniciando os alunos na sua análise pelo estudo da série portuguesa, sob êste ponto de vista. Intentamos assim resolver um problema, que se prende com o trabalho por nós empreendido e actualmente em preparação, sôbre as determinações sexuais do esqueleto.